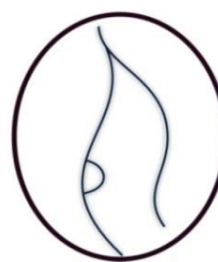




INTERFACE
ISSN 2448-2064



85

MÚSICA E TERRITORIALIDADES NO BICO DO PAPAGAIO, TOCANTINS - BRASIL

MUSIC AND TERRITORIALITIES IN THE BICO DO PAPAGAIO REGION, TOCANTINS - BRAZIL

Naelton Mendes do Nascimento
naelton.mendes@mail.uft.edu.br

Eliseu Pereira de Brito
eliseu.brito@ufnt.edu.br

Resumo

Em um país ainda com déficit de alfabetização e com pouca cultura de leitura, o alcance de uma música cantada por artistas populares nas mídias sociais possui dimensões maiores do que os textos. Foi nesse entremeio do percurso da pesquisa sobre o canto de Genésio Tocantins na música *Coco Livre* que se buscou integrar a letra aos dilemas e às territorialidades das mulheres quebradeiras de coco babaçu no Bico do Papagaio. O número de visualizações no YouTube alcançou a marca de 16 mil, e no Spotify, 6.596, em 2025. O alcance da música é proporcional, muitas vezes maior do que o texto escrito, atingindo públicos diversos, sejam eles rurais ou urbanos, pobres ou ricos, jovens ou idosos. Pensando sob esta perspectiva, verifica-se a importância dos cantos na luta pela manutenção das territorialidades de comunidades tradicionais, em parte invisibilizadas. Historicamente, a região do Bico do Papagaio foi palco de inúmeros conflitos agrários envolvendo populações extrativistas e fazendeiros. Nesse processo, as mulheres quebradeiras de coco babaçu representam um dos maiores símbolos de resistência ao território e de reexistência à vida, considerando o contexto de migração e embates no uso do território. Para expressar a vida e a luta dessas mulheres, utilizou-se uma música como base para análise do discurso, nas entrelinhas de uma luta de classe. Na letra da composição, há representações culturais tocantinenses, que criam elementos simbólicos retratados nas lutas e dilemas socioterritoriais de mulheres e famílias que vivem da quebra do coco. De certa forma, a letra da canção apresenta o sofrimento dessas famílias e, em especial, uma alusão às mulheres e seus significados (como “par” dialético) nas resiliências camponesas e na estrutura social rural desta região do país. A música constitui um importante veículo de comunicação, capaz de influenciar a construção do debate social nas comunidades de quebradeiras de coco, assim como alcançar públicos para além das bolhas sociais, uma vez que o artista canta para o Tocantins e para o Brasil. Implicitamente, há uma chamada para o debate nas terras de padre Josimo e de Raimunda Quebradeira de Coco, uma mulher representativa da resistência no conflito de Sete Barracas, em São Miguel do Tocantins–TO, e do enfrentamento às estruturas sociais impostas pelo machismo na região. Chamar o “Babaçu Livre” é um convite ao debate para refletir sobre a resistência das mulheres quebradeiras de coco babaçu e o enfrentamento ao envenenamento das palmeiras e às cercas das fazendas — algumas delas elétricas —, utilizadas como forma de impedimento pelos fazendeiros à entrada dessas mulheres em suas propriedades.

Palavras-chave: música; quebradeiras de coco babaçu; territorialidades; Bico do Papagaio.

Abstract

In a country with a literacy deficit and little reading culture, the reach of a song sung by popular artists on social media is greater than that of the texts. It was during this research on Genésio Tocantins' song *Coco Livre* that we sought to integrate the lyrics with the dilemmas and territorialities of the women who break babaçu coconuts in Bico do Papagaio. The number of views on YouTube reached 16,000, and on Spotify, 6,596, in 2025. The reach of the song is proportional, often greater than that of the written text, reaching diverse audiences, whether rural or urban, poor or rich, young or old. Thinking from this perspective, we can see the importance of songs in the fight to maintain the territorialities of traditional communities, which are partly invisible. Historically, the Bico do Papagaio region has been the scene of numerous agrarian conflicts involving extractive populations and farmers. In this process, women who break babassu coconuts represent one of the greatest symbols of resistance to the territory and of re-existence in life, considering the context of migration and conflicts over the use of the territory. To express the lives and struggles of these women, a song was used as the basis for the analysis of the discourse, between the lines of a class struggle. The lyrics of the song contain cultural representations from Tocantins, which create symbolic elements portrayed in the struggles and socio-territorial dilemmas of women and families who make a living from breaking coconuts. In a way, the lyrics of the song present the suffering of these families and, in particular, an allusion to women and their meanings (as a dialectical “pair”) in the resilience of peasants and in the rural social structure of this region of the country. Music constitutes an important means of communication, capable of influencing the construction of social debate in the communities of coconut breakers, as well as reaching audiences beyond social bubbles, since the artist sings for Tocantins and for Brazil. Implicitly, there is a call for debate in the lands of Father Josimo and Raimunda Quebradeira de Coco, a woman who represents the resistance in the Sete Barracas conflict, in São Miguel do Tocantins-TO, and the confrontation of the social structures imposed by machismo in the region. Calling “Free Babaçu” is an invitation to debate to reflect on the resistance of the women who break the babaçu coconuts and the confrontation of the poisoning of palm trees and the fences on the farms — some of them electric —, used by farmers as a way of preventing these women from entering their properties.

Keywords: music; women break the babaçu coconuts; territorialities; Bico do Papagaio.

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o trabalho das quebradeiras de coco babaçu na região do Bico do Papagaio, no estado do Tocantins, conforme representado na canção “Coco Livre S/A”, do cantor regional Genésio Tocantins. Na letra da composição, destacam-se representações culturais tocantinenses, que criam elementos simbólicos relacionados às lutas e aos dilemas socioterritoriais vividos por mulheres e famílias que dependem da quebra do coco. A letra da canção apresenta, de maneira expressiva, o sofrimento dessas famílias e, em especial, faz referência às mulheres e seus significados (como “par” dialético) nas resiliências camponesas e na estrutura social rural dessa região do país.

A música se configura como uma produção simbólica, capaz de transmitir sentidos e significados relacionados às paisagens. Nesse contexto, a análise da música “Coco Livre S/A”, de Genésio Tocantins, evidencia condições para mobilizar a categoria “paisagem” como ferramenta explicativa dos sentidos e significados expressos na letra. Além disso, a temática geográfica se aproxima dessa análise pela possibilidade de trabalhar conteúdos vinculados à paisagem. Por meio dessa música, torna-se viável explorar os elementos que compõem a paisagem do Cerrado/Amazônia, presentes na letra de “Coco Livre S/A”, divulgada em 2007. Adicionalmente, a música possibilita trazer ao debate a luta de homens e mulheres, com foco nas mulheres, que protagonizam a narrativa, onde o autor retrata a trajetória do coco.

A música também se apresenta como um importante veículo de comunicação, com potencial para influenciar o debate social nas comunidades de quebradeiras de coco. Além disso, ultrapassa barreiras sociais, alcançando tanto o público tocantinense quanto o brasileiro em geral. De maneira implícita, a composição convoca o debate sobre as terras de padre Josimo e de Raimunda Quebradeira de Coco, uma figura emblemática de resistência no conflito de Sete Barracas, em São Miguel do Tocantins (TO), e do enfrentamento às estruturas sociais marcadas pelo machismo na região.

O chamado ao “Babaçu Livre” constitui um convite à reflexão sobre a resistência das mulheres quebradeiras de coco babaçu e os desafios enfrentados no combate às práticas de envenenamento das

palmeiras e à instalação de cercas nas fazendas — algumas eletrificadas —, utilizadas como estratégias dos fazendeiros para impedir o acesso dessas mulheres às propriedades. É essencial, contudo, enfatizar, conforme salientou o professor Carlos Walter Porto-Gonçalves, que a estrutura flexível dos trabalhos extrativistas na Amazônia, especialmente aqueles realizados por mulheres, frequentemente resulta em exploração por parte de empresas que se autoproclamam defensoras da preservação ambiental.

Objetivos e Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

A pesquisa tem como objetivo analisar, nas tramas das letras de “Coco Livre S/A”, de Genésio Tocantins (2007), a vida das mulheres quebradeiras de coco babaçu, destacando suas resiliências e resistências diante das investidas do capital, que promovem sua invisibilização social. Com base nesse objetivo principal, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Compreender os fenômenos espaciais relacionados à paisagem que estão representados na música “Coco Livre S/A”, de Genésio Tocantins.
- Desenvolver uma abordagem metodológica para estudar a paisagem a partir da música “Coco Livre S/A” e investigar como a obra representa a cultura da região do Bico do Papagaio, no Tocantins.
- Examinar as relações oriundas da cultura do trabalho de quebra do coco babaçu na região do Bico do Papagaio e as contribuições dessa atividade para a construção dos modos de vida das quebradeiras.
- Analisar a relação entre a representação cultural presente na música e as potencialidades da obra em abordar temas e categorias geográficas.

A construção da pesquisa, que se encontra em fase de desenvolvimento, fundamenta-se na análise dos conflitos territoriais enfrentados pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu. A proposta analítica considera os elementos de contradição territorial e os embates históricos entre fazendeiros e mulheres extrativistas, os quais moldam os desafios e as lutas vivenciadas por essas comunidades.

Para embasar a leitura proposta, recorreu-se ao trabalho de Malheiro e Porto-Gonçalves (2021), que discute os povos extrativistas amazônicos, às análises de Brito e Almeida (2017), que tratam das relações de trabalho das mulheres no Bico do Papagaio, e às reflexões dialéticas de Gomes (2008).

Do ponto de vista metodológico, optou-se pela realização de entrevistas e pela imersão no universo das mulheres quebradeiras de coco, buscando compreender como o corpo se relaciona com os lugares, conforme as proposições de Chaveiro (2014). Adicionalmente, as entrevistas foram transcritas e analisadas com base na “análise de discurso”, conforme proposta por Foucault (1970), oferecendo perspectivas significativas para a investigação.

Destaca-se, ainda, a relevância de estudar os saberes e os conhecimentos tradicionais desses povos, com ênfase nas mulheres quebradeiras de coco, que, em sua maioria, são negras e ocupam posições matriarcais em suas comunidades. Essas mulheres carregam um importante legado cultural, cujas práticas e histórias revelam aspectos valiosos sobre a cultura, a economia e a história da região. Por meio de seus relatos, memórias e práticas culturais, essas mulheres geram novos temas de pesquisa, posicionando-se como protagonistas de suas próprias narrativas e trazendo visibilidade às suas experiências e lutas.

Quebrar coco babaçu no Bico do Papagaio

Desde o início da pesquisa, busca-se compreender a trajetória de uma mulher que personifica a luta pela terra e o protagonismo feminino na organização do trabalho e nas dinâmicas socioterritoriais: dona Raimunda Gomes da Silva, conhecida como Raimunda Quebradeira de Coco. Residente no assentamento Sete Barracas, em São Miguel do Tocantins, Raimunda é uma migrante do Maranhão, avó e expropriada de sua terra, circunstância que reflete a realidade vivida por muitas mulheres da região. A liderança matriarcal desempenhada por essas mulheres destaca-se na organização social, no enfrentamento de conflitos agrários e na condução de acampamentos em busca da Reforma Agrária, conferindo-lhes papel central na região.

Figura 1 – Memorial Raimunda Quebradeira de Coco em São Miguel do Tocantins. O memorial fica no assentamento Sete Barracas, palco de lutas no campo.

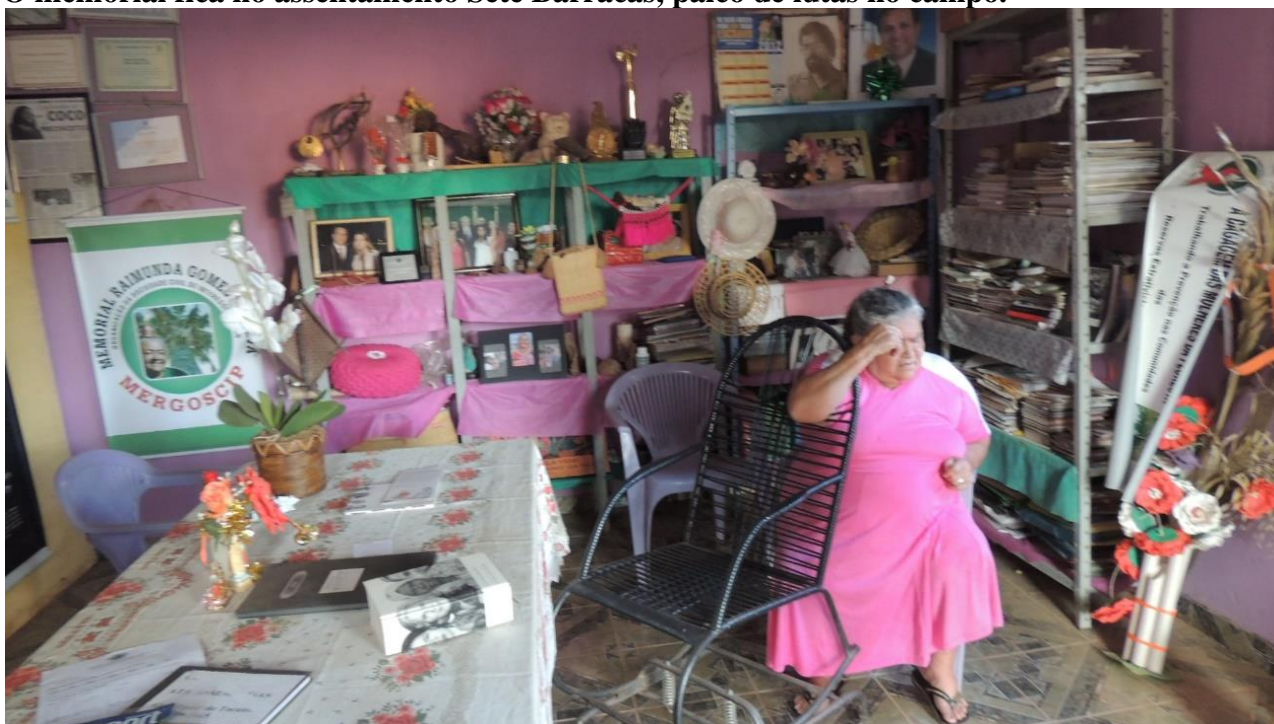


Foto: os autores, jul. 2018.

De acordo com entrevistas realizadas, muitas mulheres do Bico do Papagaio enfrentaram perdas significativas, como a morte de seus maridos e a expropriação de suas terras. Habitantes de uma região marcada por intensos conflitos agrários, essas mulheres, diante das adversidades, assumiram a responsabilidade de sustentar suas famílias. Para tanto, desenvolveram práticas inovadoras no uso dos recursos naturais, extraindo dos palmeirais os meios necessários para garantir a sobrevivência.

A palmeira babaçu representa uma importante fonte de recursos, aproveitada quase em sua totalidade: da palha do coco, confeccionam abanos, peneiras, coberturas para suas casas, cercas e paredes; do coco, extraem azeite, farinha, carvão e congo, este último utilizado na preparação de farofa, que frequentemente serve como lanche. Além disso, do palmito elaboram pratos diversos. A organização do trabalho nos babaçuais é marcada por duas dinâmicas principais: a coleta do coco no pasto, geralmente realizada pelos homens, e a coleta e quebra do coco, atividades predominantemente femininas.

Figura 2 – Casa com cobertura e cerca com palha da palmeira Babaçu na cidade de Axixá no Bico do Papagaio. Trata-se uma tradição de alguns moradores regionais cobrir as casas com palhas para amenizar a temperatura ambiente.



Foto: os autores, 2024.

A tradição de quebrar coco é um ofício familiar, centrado na força e na resistência das mulheres. Esse trabalho remonta a um processo socio-histórico associado à ocupação das terras do vale do rio Tocantins. Com as oportunidades de trabalho disponíveis no sul e no sudeste do Brasil, muitos homens migraram para exercer atividades como o corte de cana-de-açúcar e a construção civil, enquanto as mulheres permaneciam na região, cuidando dos filhos.

Quebrar coco transformou-se em uma estratégia de sobrevivência, uma prática diária para garantir o sustento das crianças. Em termos práticos, a quebra do coco resultava na produção de azeite, congo e lenha; os bagos do coco eram vendidos nas “vendas” locais ou trocados por itens básicos, como arroz, açúcar, sal e farinha. Contudo, o retorno financeiro desse trabalho era extremamente reduzido, impossibilitando qualquer acúmulo de recursos. Essa situação configurava uma rotina de trabalho diarista, que exigia esforço constante para atender às necessidades cotidianas das famílias.

Neste contexto de exploração intensiva do trabalho realizado por essas mulheres, ressalta-se o protagonismo de Raimunda na organização da associação e das cooperativas das mulheres quebradeiras de coco, com destaque para a Associação Regional das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio (ASMUBIP). Criada em 1992, a ASMUBIP, em 2024, reúne aproximadamente 500 associadas, desempenhando um papel fundamental na luta pela preservação dos babaçuais e pela garantia do acesso livre a esses recursos naturais.

Figura 3 – Barraca em feira livre na Vila Tocantins município de Esperantina no Bico do Papagaio. Trata-se de comercialização dos derivados do coco Babaçu feita por mulheres ligadas a ASMUBIP.



Foto: os autores, set. 2020.

A organização em associações trouxe melhores condições para que essas mulheres negociassem os valores de sua produção. Apesar de se tratar de uma atividade com baixa agregação de valor, a criação da associação e das cooperativas regulamentou o ofício e viabilizou uma organização mais eficiente na luta por terra e moradia. Esse esforço é especialmente relevante, considerando que muitas dessas mulheres residem em áreas urbanas da região do Bico do Papagaio tocantinense, como Tocantinópolis, São Miguel do Tocantins, Axixá e Itaguatins, entre outros municípios.

A música como instrumento para a crítica na luta pelo território no Bico do Papagaio

O aproveitamento do coco babaçu pelas quebradeiras reflete um exemplo notável de subsistência sustentável, com quase nenhum desperdício. Entretanto, a quebra do coco é um trabalho árduo e repleto de desafios. Trata-se de uma atividade braçal intensa e perigosa, que expõe as mulheres a acidentes com animais peçonhentos, cortes provocados pelas palmeiras e até mutilações causadas pelo uso do machado. Além disso, elas enfrentam conflitos com fazendeiros ao tentar coletar cocos localizados do outro lado das cercas.

Inspirado nessa realidade, o artista Genésio Tocantins compôs a música “Coco Livre S/A”, uma obra que celebra a luta política das quebradeiras de coco babaçu. A música destaca a conquista de uma legislação que lhes garante o direito de atravessar cercas para coletar cocos, uma vitória alcançada após anos de intensa mobilização social.

A música inicia com uma narrativa que reflete a trajetória do cantor, como forma de introduzir o tema:

A **minha mãe** quebrava coco pra **comer**
E hoje em dia, **eu canto** coco **pra viver**

[...] (grifo nosso da letra)

Ademais, os versos trazem elementos nostálgicos, que rememoram aspectos da vida cotidiana nos palmeirais:

Já **cantei** coco, **quebrei** coco e **ralei** coco
Conquista, cantando coco do oco do maracá
Meu camará coco de roda ciranda
Minha língua não desanda, no pandeiro e no ganzá

Mistura e manda, no pandeiro e no ganzá
Mistura e manda, no pandeiro e no ganzá

[...] (grifo nosso)

Parte, e reparte, eu falo que a melhor parte
É quando se parte com arte, a parte que nos tocou
O epicarpo, o mesocarpo, o endocarpo
Todo mundo policarpo, brasileiro sim senhor

Essa é a Maria tico-tico e onde ela põe a boca o beija-flor põe o bico
Essa é a Maria tico-tico, onde ela põe a boca o beija-flor põe o bico
Alegria do pobre sem a tristeza do rico
Alegria do pobre sem a tristeza do rico
Preciso libertar esse coco, preciso libertar esse coco
O coco livre nos alegra mais um pouco
O coco livre nos alegra mais um pouco

[...] (grifo nosso)

Nesses trechos, o autor enfatiza a importância de assegurar que o coco babaçu seja coletado livremente pelas mulheres pobres da região. Ele também chama atenção para a conquista da Lei 9.959/2008, conhecida como Lei do Babaçu Livre no Tocantins, resultado de um longo processo de luta política das quebradeiras de coco. O respeito a essa legislação, no entanto, ainda é um desafio, enfrentando resistência por parte de fazendeiros.

Finalmente, o cantor retrata a dureza do trabalho de quebrar coco, exaltando a força e a resiliência das mulheres que desempenham essa atividade extenuante. Nos versos finais, ele descreve o esforço físico e a dedicação exigidos por esse trabalho:

Pra quebrar o coco, o cacete tem que ser duro
Pra quebrar o coco, o cacete tem que ser duro.

[...] (grifo nosso)

É relevante destacar que a música cantada foi composta em homenagem às quebradeiras de coco, mas também desempenha um papel provocador, convidando ao debate sobre a resistência dessas mulheres. Elas se consolidaram como símbolos de luta em uma região conflituosa, e a obra retrata, claramente, o sofrimento das famílias que dependem da quebra do coco para sobreviver. A

construção de uma nuvem de palavras, utilizada como recurso para aprofundar a análise da letra da música, gerou o seguinte cenário:

Figura 4 – Nuvem de palavras da letra da música “Coco Livre S/A”



92

Organização: os autores, 2024.

A análise da música revela que o cotidiano é utilizado como ponto central do debate, com base nas vivências das mulheres quebradeiras, para tratar de uma questão primordial: o “coco livre”. A complexidade dos debates sugeridos pela letra ressalta que a luta dessas mulheres transcende questões identitárias, configurando-se como uma luta de classe e de reexistências. Conclui-se, portanto, que a música é uma aliada essencial nos debates e embates das quebradeiras de coco babaçu no Bico do Papagaio.

Considerações Finais

Os fenômenos espaciais da paisagem, representados na letra da música, e a relação entre a representação e a obra musical evidenciam o potencial da música para abordar temas relacionados às espacialidades geográficas. A obra tem a capacidade de alcançar públicos que, muitas vezes, os textos científicos e debates acadêmicos não conseguem atingir ou envolver em reflexões profundas. A observação do campo de disputas em torno da cultura das quebradeiras de coco no Bico do Papagaio, no Tocantins, destaca a profundidade cultural como um elemento que fabrica significados sociais, compondo, assim, o repertório simbólico da formação territorial conflituosa da região.

Ademais, a adoção de uma abordagem interdisciplinar revela-se indispensável. Refletir sobre os modos de vida e as práticas de trabalho que constituem o cotidiano dessas mulheres evidencia a

necessidade de fomentar um debate que articule diversos atores, sejam eles hegemônicos ou contra-hegemônicos. Esse esforço deve convergir para a compreensão do metabolismo da vida extrativista amazônica e das resiliências das mulheres quebradeiras de coco babaçu, que permanecem protagonistas de sua história e de sua luta.

REFERÊNCIA

ALDIGHERI, Mário. **Josimo**: a terra, a vida. São Paulo: Loyola, 1993.

BRITO, Eliseu Pereira de; ALMEIDA, Maria Geralda de. Sentido e organização do trabalho das quebradeiras de coco no Bico do Papagaio, Tocantins. **Geosul**, Florianópolis, v. 63, n. 32, p.229-248, jan. 2017. Semestral.

CHAVEIRO, Eguimar F. Corporeidade e lugar: elos da produção da existência. In Marandola Júnior, W. Holzer, & L. Oliveira (Orgs.), **Qual o espaço do lugar?** São Paulo, SP: Perspectiva, 2014. (pp. 249-279).

GOMES, H. REFLEXÕES SOBRE A DIALÉTICA **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 83–103, 2008. DOI: 10.5216/bgg.v3i1.4305. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4305>. Acesso em: 28 mar. 2024.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. **A Ordem do Discurso**, Paris, p.1-81, dez. 1970.

MALHEIRO, Bruno; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Horizontes amazônicos**: para repensar o Brasil e o mundo. 1.ed.– São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; Expressão Popular, 2021.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Expropriação da terra, violência e migração: camponeses maranhenses no corte da cana-de-açúcar. **Cadernos CERU** (Centro de Estudos Rurais e Urbanos). Série 2, v. 19, n. 1, pp. 165-180, jun. 2009

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Vidas transitórias. Entre os cocais maranhenses e os canaviais paulistas. **Revista da ANPEGE**. Goiânia: UFG, v. 7, n. 1, número especial, p. 161-78, 2011.

TOCANTINS (Estado). **Lei nº 1.959**, de 14 de agosto de 2008. Dispõe sobre a proibição da queima, derrubada e do uso predatório das palmeiras do coco de babaçu e adota outras providências. . Palmas, TO, Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=171291>. Acesso em: 09 jun. 2024.

TOCANTINS, Genésio. **Coco Livre S/A**. Produção de Genésio Tocantins. Palmas: McK, 2014. Mídia, son., P&B. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/genesio-tocantins/coco-livre-sa/>. Acesso em: 09 jun. 2024.

Recebido para publicação em fevereiro de 2025.

Aprovado para publicação em junho de 2025.